

de espécie (*A. ululata*), embora até o momento seja correntemente aceita a primeira hipótese. A proposta teve como base uma revisão das espécies brasileiras do gênero, incluindo vários caracteres morfológicos, principalmente relativos à pelagem, que os distinguem da forma *A. belzebul* amazônica, além de outras observações mais gerais, expressas da seguinte maneira:

“Além do dicromatismo, da coloração e do tamanho menor em algumas estruturas cranianas, como evidenciado por Dollman (1910) e Elliot (1912), *A. ululata* habita um tipo de vegetação particular. Enquanto que *A. belzebul* e *A. discolor* habitam a floresta equatorial amazônica, *A. ululata* habita uma vegetação aberta de transição com uma alta frequência de babaçu.” (Gregorin, 1996; pp.79-80).

Ainda existem muitas divergências sobre a validade dos táxons subespecíficos, não somente para *Alouatta* como também para outros primatas. Embora não seja objetivo deste trabalho, cabe ressaltar que o reduzido número de exemplares referente à *A. ululata* pode dificultar qualquer elaboração de propostas taxonômicas para esta forma.

Estes registros do Nordeste do Brasil são particularmente interessantes porque constituem mais um exemplo de distribuição faunística que corrobora a hipótese da existência pretérita, pela região nordestina, de uma extensa e contínua ligação entre a Floresta Amazônica e a Floresta Atlântica, o que deve ter permitido que essas populações originalmente amazônicas prolongassem sua distribuição para estas outras áreas e sofressem posteriores especiações (Borges, 1991; Coimbra-Filho e Câmara, 1996). Ficaram assim as populações isoladas nos remanescentes, testemunhos desta provável conexão paleoambiental.

Conclusões

Esta nova amostragem não somente dobra o número de localidades conhecidas para a espécie como também dobra o número de exemplares para o Estado. Este incremento de material disponível em coleções científicas poderá contribuir em futuros estudos taxonômicos e/ou biogeográficos para as formas de *Alouatta*. Além disso, confirmam a sobrevivência destes grupos isolados na região quase quinze anos após o último registro, atraindo a atenção para a alarmante escassez de informações sobre estes primatas e seu *status* de conservação.

Agradecimentos

Esse estudo foi apoiado pela CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PGG) e PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal de Ceará (JAGS).

Patrícia G. Guedes, Laboratório de Sistemática e Evolução de Mamíferos, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 20940-040 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, E-mail: <pgguedes@acd.ufrj.br>, **Diva M. Borges-Nojosa**, Caixa Postal 52.856, Universidade Federal do Ceará, 60151-

970 Fortaleza, Ceará, Brasil, **Juliana A. G. da Silva**, Caixa Postal 52.856, Universidade Federal do Ceará, 60.151-970 Fortaleza, Ceará, Brasil, e **Leandro O. Salles**, Laboratório de Sistemática e Evolução de Mamíferos, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 20.940-040 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Referências

- Bonvicino, C. R., Langguth, A. e Mittermeier, R. A. 1984. A study of pelage color and geographic distribution in *Alouatta belzebul* (Primates:Cebidae). *Rev. Nordestina Biol.* 6(2): 139-148.
- Borges, D.M. 1991. Herpetofauna do Maciço de Baturité, estado do Ceará: composição, ecologia e considerações zoogeográficas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa. 91pp.
- Coimbra-Filho, A. F. e Câmara. I. de G. 1996. *Os Limites Originais do Bioma Mata Atlântica na Região Nordeste do Brasil*. Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), Rio de Janeiro. 86pp.
- Coimbra-Filho, A. F., Câmara, I. de G. e Rylands, A. B. 1995. On the geographic distribution of the red-handed howler monkey, *Alouatta belzebul*, in Northeastern Brasil. *Neotrop. Primates* 3(4): 176-179.
- Gregorin, R. 1996. Variação geográfica e taxonomia das espécies brasileiras do gênero *Alouatta* Lacépède, 1799 (Primates, Atelidae). Dissertação de Mestrado, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo. 181pp.
- Hirsch, A., Landau, E. C., Tedeschi, A. C. de M. e Menegheti, J. O. 1991. Estudo comparativo das espécies do gênero *Alouatta* Lacépède, 1799 (Platyrrhini, Atelidae) e sua distribuição geográfica na América do Sul. In: *A Primatologia no Brasil - 3*, A. B. Rylands e A. T. Bernardes (eds.), pp.239-262. Fundação Biodiversitas, Sociedade Brasileira de Primatologia, Belo Horizonte.
- Langguth, A., Teixeira, D. M., Mittermeier, R. A. e Bonvicino, C. R. 1987. The red-handed howler monkey in northeastern Brazil. *Primate Conserv.* (8): 36-39.
- Paiva, M. P. 1973. Distribuição e abundância de alguns mamíferos selvagens no Estado do Ceará. *Ciência e Cultura* 25(5): 442-450.

NOVA OCORRÊNCIA DE *BRACHYTELES ARACHNOIDES* NO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR, SÃO PAULO, BRASIL

Paulo Auricchio
Marco Aurélio Ferreira da Silva

O mono-carvoeiro, ou muiqui, tem tido sua presença assinalada em várias localidades da Mata Atlântica em pequenos grupos esparsos (Antonietto *et al.*, 1994; Martuscelli *et al.*, 1994; Oliveira *et al.*, 1996; Auricchio, 1997). Em duas ocasiões em julho de 1999 pudemos observar um grupo de mono-carvoeiros, a apenas 300 metros da movimentada primeira pista da rodovia

dos Imigrantes, no Núcleo Cubatão, Parque Estadual da Serra do Mar. Os avistamentos foram feitos na Subestação n.53 (estação de energia) em uma estrada vicinal desta rodovia, chamada pelos moradores locais como "Estrada de Serviço" a 250-300m de altitude.

O Parque Estadual da Serra do Mar estende-se do litoral norte do Estado de São Paulo, a partir da divisa com o Rio de Janeiro, até os municípios de Peruibe e Pedro de Toledo, no sul. Com 315.390 há, é o maior parque estadual paulista, e possui a maior área de florestas do domínio da Mata Atlântica, além de vários ecossistemas a ela associados (Raimundo e Lorejan, 1998). O Núcleo Cubatão, que abrange as regiões de planalto, e litoral do Parque Estadual, abrange uma área de aproximadamente 139.000 ha. É uma região montanhosa, com escarpas de florestas primárias de difícil acesso, que é entrecortada pelas rodovias que interligam as Regiões Metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista - Caminho do Mar, Anchieta e Imigrantes - bem como linhas de alta tensão, oleodutos, gasodutos e ferrovias.

A localidade das avistagens fica aproximadamente a 70 km em linha reta de Mongaguá, ponto mais próximo em que o miquiqui já foi avistado (Martuscelli, 1994). Para o norte, a localidade de ocorrência mais próxima desta espécie é Poruba, em Ubatuba, São Paulo (Auricchio, 1997) que dista aproximadamente 150 km a nordeste. No dia 16 de julho um grupo de cerca de 10 indivíduos, foi observado entre 09:00 h e 10:00 h. Uma nova observação foi feita no dia 26 de julho. Possivelmente era o mesmo grupo, pois também continha cerca de 10 indivíduos. Nesta ocasião, foi-nos possível fotografar alguns animais.

Os três funcionários que trabalham nesta Subestação disseram que vêem os miquiquis regularmente nesta época do ano. O funcionário com mais tempo de serviço diz que os vê ali desde que começou a trabalhar naquele local, há onze anos. Diz aparecerem sempre quando há sol, em intervalos de dez ou quinze dias na parte da manhã (no horário entre nove e dez horas) ou a tarde (mais freqüentemente, segundo o funcionário da tarde) por volta das 17:00 h. Os monos deste grupo passam vocalizando com gritos e roncões altos, o que torna fácil aos funcionários da subestação perceberem sua presença. Ali, permitem ser observados a 25 m de distância, alimentando-se e parecendo não temerem a presença humana.

No grupo havia uma fêmea que carregava um filhote ainda nas costas. Um funcionário diz que as vezes chegam a ficar mais de uma hora por ali pela manhã e afirma também que já assistiu os adultos segurarem-se uns nos outros para formar uma espécie de "ponte" entre uma árvore e outra mais afastada, para que os filhotes possam atravessar sobre eles. Um outro morador do local, diz que vê freqüentemente os miquiquis, nas redondezas do "Cachoeirão", uma queda d'água formada pela descida do Rio Passariúva, a cerca de 2,8 km da subestação. Segundo os entrevistados, não há relatos de caçadores na região.

A presença desta espécie na região era esperada visto que, como mencionado anteriormente, é presente também tanto ao norte quanto ao sul. Como já indicado em Mendes (1994), Auricchio (1997) e Olmos *et al.* (1997), são necessárias medidas que possi-

bilitem a proteção efetiva de áreas onde haja a ocorrência desta espécie ou a translocação destes animais para outras áreas onde já existam grupos. Outra medida indicada por Auricchio (1997) é a criação em instituições que façam seu manejo em cativeiro, além do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, aumentando o conhecimento biológico desta espécie, podendo futuramente tratar de sua reintrodução. Acreditamos que a ação mais indicada neste caso seja implementar um programa de educação ambiental que tenha como foco os trabalhadores da área, moradores e, num plano mais amplo, as escolas da região.

De qualquer forma, considerando-se que a população total desta espécie a 11 anos atrás foi estimada em 350-400 animais (Nishimura *et al.*, 1988), a descoberta de um novo grupo de miquiquis em uma região em que eram considerados extintos, é um alento para aqueles preocupados com a preservação desta espécie.

Paulo Auricchio, Instituto Pau Brasil de História Natural, Caixa Postal 282, 07400-970 Arujá, São Paulo, Brasil, e-mail: <auricchio@institutopaubrasil.org.br> e **Marco Aurélio Ferreira da Silva**, Rua Cons. João Alfredo 342, ap. 73, Estuário de Santos, 11015-220 Santos, São Paulo, Brasil.

Referências

- Antonietto, L. A. e Mendes, F. D. C. 1994. São Francisco Xavier: A new site for primatological research and conservation in the Brazilian Atlantic forest. *Neotrop. Primates* 2(3): 3-4.
- Auricchio, P. 1997. A new locality for *Brachyteles arachnoides* and the urgency of finding new directions for miquiqui conservation. *Neotrop. Primates* 5(3): 78-80.
- Fonseca, G. A. B. da, Rylands, A. B., Costa, C. M. R., Machado, R. B., Leite, Y. L. R. e Furlani, C. (eds). 1994. *Livro Vermelho dos Mamíferos Brasileiros Ameaçados de Extinção*. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte.
- Martuscelli, P., Petroni, L. e Olmos, F. 1994. Fourteen new localities for the miquiqui (*Brachyteles arachnoides*). *Neotrop. Primates* 2(2): 12-15.
- Mendes, F. D. C. 1994. Miquiqui conservation: the urgent need for an integrated management plan. *Neotrop. Primates* 2(2): 16-19.
- Nishimura, A., Fonseca, G. A. B., Mittermeier, R. A., Young, A. L., Strier, K. B. e Valle, C. 1988. The miquiqui, genus *Brachyteles*. In: *Ecology and Behavior of Neotropical Primates*. Vol. 2., R. A. Mittermeier, A. B. Rylands, A. F. Coimbra-Filho e G. A. B. da Fonseca, pp.577-610. World Wildlife Fund-US, Washington, DC.
- Oliveira, M. F. e Manzatti, L. 1996. New locality for the miquiqui (*Brachyteles arachnoides*) in the state of São Paulo, Brasil. *Neotrop. Primates* 4(3):84-85.
- Olmos, F., Franco, A. D. C. and Auricchio, P. 1997. A new locality for *Brachyteles arachnoides* and the urgency of finding new directions for miquiqui conservation. *Neotrop. Primates* 5(2): 36-39.
- Raimundo, S. e Lorejan, S. F. 1998. *Planos de Manejo das Unidades de Conservação - Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Cubatão. Plano de Gestão Ambiental - Fase 1*. Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo. 177pp.